

100 Autorretratos

Isabelle Ferrão Marques*, Luise Weiss.

Resumo

Autorretrato em cartões postais com pacientes psiquiátricos e pessoas que se interessaram em participar. O projeto foi desenvolvido embasado na importância da expressão visual e no ato de criar. Uma autorreflexão revelada para o papel através do desenho.

Palavras-chave:

Autorretrato, Cartões Postais, Desenhos Pacientes Psiquiátricos.

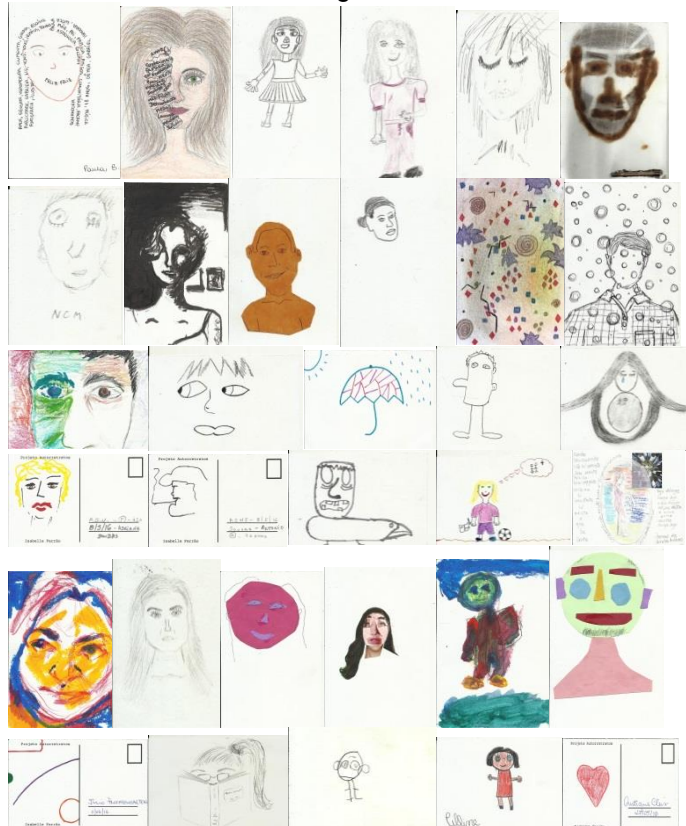
Introdução

O projeto foi o desenvolvimento de autorretratos em cartões postais. O público alvo eram pacientes psiquiátricos e pessoas que se interessassem em participar. A técnica era livre e o indivíduo poderia retratar-se da maneira que escolhesse, nada foi imposto. A experimentação partiu do pressuposto que os “resultados” são indiferentes em relação aos autores dos autorretratos. A intenção não era fazer uma análise psicanalítica ou justificar um aspecto psicanalítico ou filosófico, e sim observar os diversos trabalhos com uma preocupação artística, priorizando o projeto visual e suas características visuais. O objetivo era colocar todos em contato com a sua própria imagem para transpassarem sua reflexão através da linguagem artística. Colocar essas pessoas em contato com a arte e quebrar com a fronteira entre arte de artistas e arte de “loucos”, todos podem ser criadores de arte. Para Fayga Ostrower “no enfoque simultâneo do consciente, cultural e sensível, qualquer atividade em si poderia tornar-se um criar”¹. Colocando o público como criador, foquei em trazer artistas que trabalham com autorretratos, como Frida Kahlo e Van Gogh, e trabalhos já realizados com arte e pacientes psiquiátricos, como o trabalho da Nise da Silveira, o trabalho desenvolvido no Hospital Psiquiátrico do Juquery e o trabalho do artista plástico Bispo do Rosário.

Resultados e Discussão

O trabalho com os pacientes psiquiátricos foi desenvolvido na Psiquiatria do Hospital de Clínicas da UNICAMP. Foram oficinas semanais que tratavam do tema autorretrato, onde tinham acesso a diferentes referências artísticas e diferentes materiais. A produção por parte dos outros participantes eu não estava presente, pedi a colaboração de pessoas da Unicamp e de outros ambientes, e, para minha surpresa muitos se ofereceram para participar. Apesar de muitas pessoas terem se oferecido, muitas ficaram apreensivas e com medo de desenhar e se retratar. Tão interessantes como os desenhos, foram os relatos dos participantes. Alguns disseram que não desenhavam desde a infância e que isso desencadeou uma vontade de voltar a desenhar. Outros disseram ser extremamente difícil olhar para si próprio, e que com esse exercício repararam em coisas que nunca tinham percebido. Outros preferiram não fazer, por medo. Aliás, o medo foi um sentimento que percebi em várias pessoas. Não só o medo de desenhar, mas o medo de se olhar, medo de errar, medo de ficar “feio”. Nos desenhos, muitos elementos se repetiram, como em

símbolos, corações, flores, e também como estruturação da figura. O fundo quase nunca era trabalhado e muitas cabeças eram soltas, sem nenhum tipo de estrutura do corpo. Outros precisaram além do desenho de palavras para se descreverem. E alguns só se viram através de formas e símbolos, sem a figura humana.



Conclusões

Com base nos relatos e na produção de autorretratos foi possível evidenciar a importância da expressão visual. Como é essencial o exercício de fazer uma autorreflexão e passar isso para o papel através do desenho. Entrar em contato com os materiais artísticos e colocar-se como criador revela uma área de importante meio de expressão em nosso inconsciente.

Agradecimentos

Agradeço a todos os participantes que executaram os autorretratos, a Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Unicamp por me disponibilizarem o espaço e a minha orientadora Luise Weiss.

¹ OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.